

A AMERICA

ASSIGNATURAS
CÓRTE
Anno... 66000
PUBLICAÇÃO QUINZENAL, SCIENTIFICA,
LITTERARIA, COMMERCIAL, INDUSTRIAL E NOTICIOSA
ADMINISTRADOR — FILINTO D'ALMEIDA
ASSIGNATURAS
PROVINCIAS
Anno... 78000
Num. 9

Rio de Janeiro, 20 de Fevereiro de 1880

EXPEDIENTE

Rogamos aos cavalheiros, residentes nas provincias do interior, que se dignaram ficar com a nossa folha, a fineza de nos mandar satisfazer o importe da respectiva assignatura, a fim de não sermos forçados a sustar a remessa.

A AMERICA

Rio, 5 de Fevereiro de 1880

MEIO CIRCULANTE

MOEDA METALLICA

Continuando o nosso estudo sobre a moeda metallica para os fins que temos em vista, vamos, conforme o compromisso que tomamos no artigo publicado na revista de 20 de mez passado, evidenciar os phenomenos do numerario em um paiz, onde fosse a moeda metallica o unico meio circulante de geral accettazione.

O principio por nós estabelecido é que tem o numerario, qualquer que seja a sua especie, valor determinado pela sua offerta e procura para a utilidade que presta.

E' muito difficil precisar-se em um momento dado, quando sobem ou descem os preços das mercadorias, o que soffreu a alteração — se o valor d'estas, se o da moeda.

Para conhecê-lo exactamente seria necessario um estudo aprofundado sobre a offerta e procura dos diversos objectos, e um estudo comparado da alta e baixa de todos os productos á venda.

Mas ha, felizmente, nos paizes civilizados um meio facil e infallivel de verificação:

E' a taxa do desconto.

Quando a taxa do desconto é alta a moeda está cara, isto é, a sua offerta não corresponde á in-

tensidade com que é procurada; quando ao contrario é a taxa do desconto baixa a moeda está barata, isto é, a quantidade em offerta excede as necessidades da procura.

Dahi o principio firmado por Macleod — de que o valor das dividas está na razão inversa da taxa do desconto.

Com effeito:

A taxa do desconto é a differença entre o valor nominal das letras commerciaes e o prazo por que são compradas, ou, em linguagem commum descontadas.

O desconto é influenciado por tres factos

- 1º. A escassez da moeda em relação á procura, que é em grande parte supprida pelo credito e boa organização bancaria, nos paizes economicamente bem constituídos, de sorte que só se manifesta quando ha retracção de credito;
- 2º. O prazo para o vencimento da letra;
- 3º. A qualidade do titulo e a confiança que inspira.

Destes tres elementos constitutivos do desconto podemos fazer abstracção de dois:

1º. Do prazo, porque geralmente se o fixa em relação ao anno;

2º. Da confiança que inspira o titulo, por que é a taxa do desconto em geral cotada nas praças commerciaes relativamente ás boas letras.

Será pois nosso trabalho, aqui, examinar sómente a excasce ou abundancia da moeda relativas á procura.

Quando a quantidade de moeda existente no lugar e momento é insufficiente em relação á procura, succede com ella o que acontece com todas as mercadorias, isto é, os bancos carecem attrahill-a, elevam os juros dos capitais que recebem, e a taxa do desconto sobe; quando é a moeda abundante os bancos diminuem a taxa dos juros e a taxa do desconto baixa.

Poderíamos, pois, dizer que é o valor da moeda determinado pela taxa dos juros.

Mas o serviço que prestam os bancos entra, bem como o que offerece a exposição das diversas mercadorias á venda nas lojas, nos gastos da produção e é parte integrante do preço.

Ora a taxa do juro, pela qual fornecem os bancos dinheiro ao commercio, é que determina a taxa dos juros em geral na circumscripção bancaria.

E como a forma geral, porque dão os bancos dinheiro ao commercio é — descontando letras, acertadamente tomamos a taxa do desconto como medida do valor da moeda.

Firmado este principio, evidenciamos agora os phenomenos do numerario em um paiz, onde seja a moeda metalica o unico meio circulante de geral accettazione.

A tarefa não é difficil, porque o que dá-se com a moeda metalica é o que acontece a todas as mercadorias.

Quando o trigo, o vinho, o café, etc., são vendidos em uma praça por preço relativamente baixo ao que obtem em outras praças, os negociantes, se a differença de preços é bastante para cobrir os gastos do transporte e deixar-lhes remuneração compensadora, remettam as suas mercadorias para os logares em que mais as desejam, porque as pagam melhor.

A consequencia natural deste facto será o equilibrio entre a offerta e a procura.

O mesmo succede com a moeda.

Quando em uma praça qualquer a taxa do desconto está relativamente muito alta, se a causa, que determina este phenomeno, nos induz a crer que elle durará, a moeda affluirá para esta praça; porque é o proveito que governa o commercio, e o equilibrio entre a offerta e a procura se restabelecerá, já directamente, já indirectamente por meio de saques e cambias sobre aquella praça.

Como no caso precedente será, aqui, consequencia forçada dos factos o equilibrio entre a offerta e a procura.

Exemplifiquemos:

Se a taxa dos descontos for em Pariz de 3 % e em Londres de 10 % preferirão os negociantes, vendendo as suas mercadorias em Pariz, converter os productos em saques sobre Londres.

Em sentido inverso opera-se o mesmo phenomeno quando a taxa do desconto é em uma praça baixa relativamente ás outras praças.

Nestas condições é claro que os factos acima

prevencidos serão sempre remediados com maior ou menor demora pelo equilibrio entre a offerta e a procura da moeda.

A lucida comprehensão desses phenomenos deu lugar a que dissesse Hume com aquella sagacidade que tanto o distinguio — que o cambio não pôde em geral variar (nesta hypothese) muito além do custo da transmissão da especie (*Hume's Essay on money*)

O principio estabelecido por Hume seria inteiramente exacto, si adoptassem os paizes civilizados, como lhes aconselha o proprio interesse, uma moeda universal.

A' vista do que acima deixamos exposto, qualquer leitor, por menos perspicaz que seja, comprehenderá facilmente que sempre que, sob o regimen da moeda metalica, houver em uma praça commercial carencia, ou abundancia de numerario, a elevação ou a baixa da taxa do desconto a evidenciará; e bem assim que quando começar o esgotamento da moeda, isto é, a sua derivação de uma para outras praças, os banqueiros daquella, sem mesmo indagarem da causa do facto, elevarão insensivelmente a taxa do desconto e por este modo, tornando a moeda mais cara, evitarão a catastrophe, que infallivelmente se manifestaria, se com tenaz pertinacia mantivessem a taxa do desconto relativamente baixa.

Nestes casos a taxa do desconto contra a qual geralmente se clama não é o mal mas apenas o signal do mal e ao mesmo tempo o remedio para prevenir a crise.

Além da carencia e abundancia relativas da moeda metalica, ha um outro facto que influe poderosamente sobre os seus phenomenos, queremos fallar da depreciação da propria moeda, que será o objecto do artigo seguinte.

JOAQUIM MARINHO.

ECONOMIAS POPULARES

POR A. DE LAMARCE

Caixas economicas caixas economicas escolares, escriptorias d'economias das fabricas e officinas.

(Vide nos. 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, e 8)

VII

Methodo

O methodo, para a Caixa economica escolar como para as outras instituções de educação e de previdencia, é a propria institução. A expe-

riencia tem demonstrado aqui, mais do que em outra parte talvez, que o Methodo é uma condição essencial do successo e do beneficio. E' preciso não pedir aqui ao professor senão um trabalho curto e facil, e não lhe impôr uma responsabilidade incompativel com a sua situação: é preciso ainda que o alumno aprenda o machinismo real da Caixa economica, tal como elle continuará mais tarde a utilisar-la, depois da sua saída da escola e da sua entrada na vida de operario.

E' preciso tornara instituição verdadeiramente palpavel ao alumno, mettendo-lhe nas mãos a caderneta ordinaria da grande Caixa economica, caderneta que elle soube adquirir pelos primeiros esforços da sua vontade viril, e que toda a sua vida conservará como o utensilio de seu bem estar e talvez de sua fortuna; porque, n'esta instituição, tractasse menos de dar a creança a occasião de formar um pecunio para a sua maioridade, do que lhe dar o meio de formar-se por si mesmo operario sobrio, economico, regado, providente.

E' graças ao Methodo que o exercicio da economia tem rapidamente propagado nas escolas e tende n'ellas a generalisar-se; porque é o Methodo que permittio a dedicação dos professoras aceitar esse novo encargo sem receio de comprometter-se, e com a certeza de concorrer para uma grande obra de educação.

Eis as regras principais do Methodo:

O Director da escola, depois de se ter combinado com o inspector primario, põe-se de accordo com a administração da Caixa economica visinha para o dia e hora de cada mez em que elle irá fazer as suas operações, seja na Caixa economica, seja em uma das succursaes, seja em uma agencia do correio ou de percepção devidamente authorisada para operar como auxiliar da Caixa economica.

Se a administração da Caixa economica quizesse impôr uma maneira de proceder que alterasse o Methodo, o professor deveria abster-se antes de que prestar-se a um modo de contabilidade muito oneroso e perigoso para elle. Mais val esperar de que fazer uma falsa Caixa economica escolar.

O professor bem seguro de que a Caixa economica quer francamente esta obra e dá as facilidades necessarias, entrega a cada um dos seus alumnos, e, melhor ainda, faz-lhe copiar uma Noticia de algumas linhas que se encontra no Manual, e que tem por fim fazer conhecer aos alumnos e sobre tudo a seus pais o objecto, o

machinismo, e as vantagens da Caixa economica escolar, precaução muito util para prevenir duvidas.

Elle trata de obter os modelos de contabilidade (que custam 3.520 para uma escola de cerca de cem alumnos) por um abono da communa ou pelo donativo de algum notavel da localidade; e sendo necessario, elle pode fazer executar esses modelos pelos seus alumnos como exercicio graphico.

Elle faz conhecer então aos seus alumnos que a partir de tal dia elle receberá cada semana as suas pequenas economias, por mais modica que seja a importância, mas não superior a 35000 reis: e que, uma vez por mez os depositos do mez de cada um dos alumnos que tiverem economisado 100 reis ou mais, serão transmittidos em cinco rondas para a Caixa economica da localidade, e inscriptos pelos empregados da Caixa economica, para cada alumno, sobre uma caderneta ordinaria de depositario. Essa caderneta constitue o alumno credor da grande Caixa economica, e exonera o professor de todo o encargo e de toda a responsabilidade a esse respeito. Essa caderneta, onde a creança se vê tratada como homem, porque pratica o acto de homem, é o instrumento educativo da creança, e muitas vezes tambem da sua familia.

(Continúa)

A IGREJA E A INSTRUÇÃO

V

I. Heresidades

(O EXTINUAÇÃO)

Entretanto, a Igreja, algumas vezes ainda, considera o direito civil como inutil e, talvez, como perigoso. Alguns synodos tambem prohibem que elle seja objecto de ensino.

Em Tours, o concilio de 1163 prohibe a qualquer que pertença a uma ordem deixar o convento, « para ensinar fora d'elle as leis civis ». O synodo que teve lugar em Montpellier em 1195, mostrou-se mais severo. Miguel, legado do papa, fez renovar a ordem anteriormente promulgada, ordem que prohibia aos frades e conegos de ensinarem a jurisprudencia.

A medicina ou physica, muito tempo associada à jurisprudencia em uma mesma repressão, foi excluida do ensino ecclesiastico pelos synodos de Tours e de Narbonne.

Porém, no seculo XIII todas essas prohibições tendiam a desaparecer; no XIV nós podemos verificar não só uma

tolerancia tacita, mas ainda uma especie de protecção ao estudo da medicina e do direito civil.

O synodo de Valladolid, em 1322, decretou que, em cada dez canoas de uma igreja cathedral ou collegial, o bispo, o prior ou o capitulo deviam enviar pelo menos um a uma universidade (*studium generale*) de theologia, de direito canonico e das artes liberaes; que esse clérigo ficaria na universidade tanto tempo quanto fosse necessario para a sua instrucção, e poderia mesmo « estudar a medicina ».

A partir do seculo XIV, a igreja preocupou-se sobretudo em formar entre os mesmos padres uma classe de sabios notaveis. Em 1368, o synodo de Lavaur (provincia de Tolosa) decidiu que toda a igreja cathedral e as igrejas collegiaes que contassem pelo menos dez pessoas, deviam enviar dois padres de talento a estudar o direito canonico e a theologia. Esses dois padres temo terminando os seus estudos, as igrejas os fariam substituir por outros dois.

Essa ordem, porém, não foi observada, nem regular, nem geralmente. Tambem, pelo anno de 1389, o synodo de Magdebourg julgou dever estabelecer uma ordenação que lhe assegurasse a observancia.

Em toda a epocha os homens se mostraram attentos em não incorrerem em penalidades pecuniarias.

Os sabios de Magdebourg ordenavam, pois, que se os capitulos das igrejas collegiaes e cathedraes, ou os abbades, não enviassem certas pessoas a continuar os seus estudos, elles não deixariam por isso de pagar a somma destinada aos estudantes; — que se os priores dos campos (deões) e os curas, podendo destinar 30 florins aos estudos, não se tivessem já applicado a elles, estudariam durante tres annos, e em uma escola especial, o direito canonico ou a theologia; — e que se elles não obedecessem a essa ordem, deviam pagar ao bispo a somma de 30 florins.

Esse mesmo synodo de Magdebourg demonstra que « se fazia sentir a necessidade de haver clérigos instruidos ».

Em consequencia elle decidiu « que um membro da igreja metropolitana devia estudar a theologia, um outro o direito canonico, um terceiro o direito civil. Nas outras cathedraes dois padres unicamente, em logar de tres, tomariam parte n'esses trabalhos. Um estudaria a theologia, o outro, tudo remittido, o direito canonico e o direito civil ».

Essas medidas, e diversas e multiplas, testemunham a vigilancia da Igreja para o desenvolvimento intellectual das populações e para o progresso da sciencia.

Entre os proprios membros, porém, do corpo ensinador existia uma emulação cuja origem era estranha aos decretos synodaes.

A LIBERDADE RELIGIOSA

Os nossos antepassados não acreditavam, nem podiam acreditar que um judeu fosse capaz de amar a patria: o judeu que, proscripto desde quatro seculos nas regiões do Levant, volta ainda os olhos para a terra onde o sol se põe, onde repousam as ossadas de seus avós, o judeu que, na lingua morta do Exodo ou do Genesis, mistura o idioma, ainda vivo em seus labios, das Lamentações, do Labyrinto e do Thesouro. O catholico hespanhol igualmente não podia acreditar que a conversão de um Mouro fosse de boa fé: elle não se contentava unicamente em velo ir à igreja, tornava-se-lhe necessario que elle morresse sobre o cadafalso ou no deserto.

E' por isso, senhores deputados, que um honrado membro da commissão constitucional veio, com um sentimento profundo e uma linguagem incomparavel, lembrar as maldições que todos os povos lançam contra o nosso paiz. Sim! pois que o caracter hespanhol, tão moral, tão energico, tão audaz, tão cheio de grandes virtudes e de grandes qualidades, tem, na ferocidade da sua intolerancia, a nodoa e a sombra que o obscurece. Essa nodoa, dil-o-hei mil vezes, vem da intolerancia religiosa; porque, quando dizeis que é permitido matar em nome de Deus, como quereis fazer ouvir que a vida só dimana de Deus, que a morte é uma negação, um limite da creatura, que o mal não pode atingir Deus, bondade eterna e suprema?

A intolerancia tem-nos conduzido ao massacre. Bruxellas sabe-o, pelo cadafalso dos condes de Horn e de Egmont, levantados pela nossa intolerancia; a Inglaterra, pela cumplicidade de Felipe II e de Maria a Sanguinaria, cujos crimes tiveram a nossa intolerancia por conselheira; a França sabe-o pela noite de S. Bartholomeu e pelo assassinato de Blois, obra da nossa intolerancia; a Italia finalmente sabe-o pela masmorra de Campanella, pelo sacrificio das republicas de Florença e de Veneza, devida, elle tambem, à nossa intolerancia.

Ah! senhores deputados, houve duas nações verdadeiramente cumplices do papado: a França e a Hespanha. Mas a França não cooperou para a obra da Santa-Séde senão quando o espirito do seculo a sustinha. Foi assim que ella pôde crear o patrimonio de S. Pedro, arremecer as Cruzadas, reunir os concilios de Leão, acolher o papa em seu seio. Quanto a nós, temos sido os cooperadores do papado na hora da sua decadencia politica; foi-nos preciso fatalmente oppor-mo-nos à reforma religiosa da Allemannia, à independencia dos Paizes-Baixos, ao desenvolvimento da Inglaterra, à paz de Westphalia, ao edito de Nantes; nós fomos o reverso sombrio da historia, os obreiros da decadencia, os representantes da morte.

Tambem um dos grandes caracteres da revolução de Setembro foi aquelle de nos reconciliar com a humanidade.

A revolução de Setembro, digam o que quiserem, reconciliou-nos com o espírito moderno. Traz grandes, tres illustres ministros, mal apreciados hoje, que amaldiçoam não melhor, e que desde já podem descansar das injustiças da actualidade sobre as bençãos que lhes estão reservadas pela historia, tres grandes ministros tratam, durante a revolução de Setembro, as relações da Igreja e do Estado. Um d'elles me escuta, o senhor Romero Ortiz, que suppleu com grande energia uma epocha de luta em que elle tinha a vencer immensas obstarculas accumuladas pelas superstições tradicionais. O outro foi o senhor Montero Rios; elle apresentou as soluções democraticas medianas que coexistiam á sua escola, aos seus principios; elle quiz de boa fé, de muita boa fé, senhores, e com tanta intelligencia, elle quiz reunir os povos, as provincias, com os seus bispos e os seus curas, com os representantes da da moral sobre o nosso solo da Hespanha. O terceiro era meu amigo, meu correligionario, um moço intelligente e estimado, o senhor Morano Rodriguez; elle expoz d'esta tribuna um projecto de separação da Igreja e do Estado, projecto que não pôde ser nem discutido, nem votado; tão terriveis eram os infortunios que nos forçaram n'essa ultima hora do governo democratico.

(continua.)

A QUESTÃO SOCIAL

Relatorio apresentado ao Congresso de Lausanne, em 27 de Setembro de 1871

POR GIL LEMOINIER.

VIII

(Conclusão.)

Muitos julgarão sem duvida que bastante incompleto é o programma que acabamos de desenvolver, e mais comprehendemos que elle pareça tal áquelles que o quizerem comparar ás utopias socialistas que annunciavam ha quarenta annos, uma renovação subita sobre a face da terra, ou ás doutrinas mais recentes que reclamam a « liquidação social ».

Porém os espiritos mais calmos, mais instruidos, mais reflectidos, que comprehendem tem que não pôde e sobratado não deve haver solução de continuidade entre a sociedade actual e a sociedade futura, que o progresso economico deve ser uma transição incessante entre os dois factores da riqueza humana — o trabalho e o capital —, e que a questão social consiste em introduzir entre estes dois factores, ou antes acima de ambos, em

a noção fundamental de toda a justiça — o respeito igual de toda a pessoa humana; esses espiritos, esperamos, serão de um parecer differente e comprehenderão que de todos os meios legitimados, isto é, justos para garantir a todos os membros da sociedade o direito de chegar pelo trabalho á propriedade, o unico que possa agir com grande efficacia e por uma escada universal é a liberalidade da educação e da instrucção.

Poderão tambem querer que a consideravel despesa que traz, segundo o nosso programma, esta liberalidade universal da instrucção e da educação seja supportada exclusivamente pelos proprietarios em proveito dos não proprietarios; verão, porém, que, por mais justa e pacifica que seja esta medida, nenhuma será, no verdadeiro sentido da palavra, mais revolucionaria.

Sómente aqui a palavra revolução acha o seu synonymo exacto na palavra justiça. Porque, ainda um argumento, se a propriedade é um direito humano, e cujo exercicio livre e garantido deve ser o primeiro objecto do contracto social, é uma consequência forçada que a instrucção social seja regulada de tal sorte que aquelles que têm chegado á propriedade tenham della um gozo assegurado, e aquelles que a ella ainda não poderão attingir, tenham pelo menos a certeza e o meio de adquiri-la trabalhando.

Uma palavra antes de terminar: não damos por completa a lista das medidas pela applicação das quaes julgamos poder ser resolvido o problema; julgamos, ao contrario, que o jogo natural da liberdade deve multiplicar estas medidas de um modo indefinido. A unica coisa que queríamos fixar era o ponto de partida, isto é, a determinação destas verdades fundamentais:

A Economia, assim como a Politica, deve ser uma applicação da Moral;

A propria Moral baseia-se na Autonomia, isto é, na independencia e na liberdade da pessoa;

O direito de propriedade, sem o qual não ha pessoa, nem independencia, nem liberdade, nem autonomia, é o objecto principal do contracto social;

A sociedade deve pois garantir a todos os seus membros a accessão á propriedade pelo trabalho, se ainda não a tiverem adquirido.

Baseados estes principios, as questões que nos ficam a desenvolver são as de via e meios, na solução das quaes comprehendem-se facilmente as variações e differenças

Restá-nos agradecer ás pessoas cujos trabalhos nos têm auxiliado na execução do nosso. Já dissemos algumas palavras de uma brochura sobre as *Ligas dos trabalhadores* enviada pelo Sr. Nicolet, de Grenchen; mencionaremos com reconhecimento um trabalho remettido, ha dois mezes pelo Sr. Baugnou, d'Epinal; uma boa memoria dirigida pelo Sr. Goron; uma notavel brochura (*La Conciliation*) do Sr. Talandier; enfim, não seremos demasiado justos declarando que proveito tiramos do excellento livro publicado, ha tres annos, pelo Sr. Renouvier: *a Sciencia da moral*.

IX

Eis aqui agora, Srs., com as considerações que o desenvoltam, o projecto de resoluções a que temos a honra de nos submeter:

QUESTÃO SOCIAL

Considerando que a autonomia, isto é, a plena liberdade da Pessoa é o principio fundamental da Moral, da Politica e da Economia social; que o direito de propriedade é a consequencia directa, ao mesmo que a condição e a garantia desta autonomia;

Que o direito de propriedade é a faculdade de capitalisação que della derivação, pois, essencialmente direitos humanos, que não têm outros limites senão o respeito do individuo para consigo e o respeito dos mesmos direitos para com os outros;

Considerando que nas sociedades de facto que existem taes quaes as têm creado a occupação, a conquista, o trabalho, a tradição e as leis positivas, a propriedade se acha dividida, e a faculdade de capitalisação exercida de tal modo que o maior numero dos membros destas sociedades estão de facto, e não de direito, privadas de todo o accesso ao direito de propriedade, e, por consequente, restringidos e lesados em sua pessoa;

Considerando que toda e destruição pela força da sociedade existente hoje, e toda a tentativa para substituir violentamente esta sociedade por uma sociedade ideal mais perfeita, seria, de um lado, contradictorio ao proprio principio de soberania justa sobre o qual pretende apoiar-se, e, de outro, infructuosa e van, pois que a violencia que destruisse a sociedade actual, não destruiria as causas humanas ou fataes que têm creado esta sociedade; que é, portanto, por uma transformação pacifica, gradual, mas universal e continua destas sociedades; e, antes de tudo, dos costumes que as têm creado, que é preciso realizar a revo-

lução radical, necessaria e legitima que devem soffrer estas sociedades; —

Considerando, enfim, que o objecto mais geral da revolução social deve ser a extenção e a attinbução a todos e a todas do direito de propriedade:

O Congresso declara:

1.º Que o objecto principal da reforma social é assegurar e garantir a todos e a todas o accesso o mais facil possível pelo trabalho ao exercicio do direito de propriedade;

2.º Que os mais efficazes meios de apressar esta reforma, lhe pareçam os seguintes:

A. O estabelecimento em cada nação do governo republicano;

A formação de uma federação entre os povos da Europa;

A liberdade de pensar, de falar, de publicar;

A liberdade de reunião;

A liberdade de consciencia realisada pela separação das Igrejas e do Estado;

A liberdade communital;

O direito de paz e de guerra exercido directamente pelo povo;

A liberdade de contractos;

A liberdade de coalizão e de associação;

A liberdade de circulação e de troca.

B. A revisão immediata, por jurys compostos em numero legal de capitalistas e trabalhadores, de todas as leis e regulamentos que regem as relações dos trabalhadores e capitalistas, esta revisão feita sobre o principio de uma perfeita reciprocidade, e com vista a garantir ao trabalhador por boas leis o preço de seu trabalho.

C. O estabelecimento e a manutenção pela communa, pela provincia, pela nação, pela futura federação dos Estados-Unidos da Europa, de uma assistencia publica, leiga, assegurado ás creanças abandonadas, aos invalidos, aos velhos sem recursos e sem familia, e, em certos casos de inibição ao trabalho, aos validos mesmo, o auxilio e os soccorros necessarios.

O emprehendimento pelo Estado, mediante indemnisação, de caminhos de ferro e de ambulancias.

D. Acima de tudo e antes de tudo o estabelecimento e a manutenção pela communa, pela provincia, pela nação, pela federação europea de um systema completo de educação e de instrução geral, professional, leiga, gratuita a todos e a todas em todos os graus, obrigatoria no primeiro grau; estabelecimento este ao qual chegará por meio de um imposto sobre a renda.

OS SOES OU AS ESTRELLAS FIXAS

IV

DISTRIBUIÇÃO APPARENTE DAS ESTRELLAS NO CÉU

Parece, á primeira vista, que as grandes estrelas sejam distribuídas sobre a abobada celeste ao acaso e sem lei alguma. Entretanto um exame attento mostra facilmente que ellas occupam uma zona atravessada ao seu meio por um grande circulo tendo um dos seus polos ao pólo da estrella do signo aquario da constellação austral. Poder-se-ia verificar, dispondo um globo celeste de maneira que essa estrella correspondia ao zenith; o horizonte então passaria pelas Hyades, pelo cinturo de Orion, entre Sittó e Canopus; elle dividiria em dois o Cruzeiro do Sul, passaria perto dos luzentes do Centauro e pelo corpo do Escorpião. Subindo ao hemispherio boreal, por cima da ecliptica, esse circulo passaria entre os luzentes do Serpenteiro, atravessaria a constellação da Lyra quasi tocando Vega; em seguida, depois de ter passado por Cassiopea e muito perto de α de Persoa, deixaria a constellação de Hercules muito proximo do ponto para o qual o nosso sol é transportado com o seu cortejo de planetas.

Esse grande circulo conta o equador ás 9 horas e 45 minutos da ecliptica, na constellação do Touro perto de Aldebaran, e no Escorpião perto de Antares. A sua inclinação é de 70° .

Essa zona contém quasi todas as estrellas das quatro primeiras grandezas. Ella não coincide com a via lactea, mas segue durante algum tempo a bifurcação, isto é, esse ramo divergente que se dirige para o Escorpião. Ella contém igualmente um grande numero de montões estelares mais bellas e mais ricos aos quaes damos o nome de montões globulares (clusters). Cre-se que o proprio so pertence a essa cathegoria de estrellas mais proximas de nós.

A solução do grande problema que nos occupa depende sobretudo da distribuição das pequenas estrellas. A sciencia passou sobre esta questão os vastos trabalhos dos dois Herschel, que empreenderam esta obra gigantesca, eu direi quasi sobrehumana: a enumeração das estrellas do céu. E' absolutamente impossivel que um homem execute por si só uma semelhante enumeração; ella o obrigaria a perto de um seculo de trabalho constante. Para chegar a um resultado, os dois Herschel substituíram a enumeração continua pelo processo das sondas (star-gauges) distribuidas sobre o céu segundo uma lei uniforme.

Essas operações consistiam em contar as estrellas visiveis no campo de um reflector tendo um diametro de $15''$ (um quarto de grão). Ainda que elles não tivessem assim

examinado senão $1/120^\circ$ da superficie inteira do céu, esse trabalho é com o melhor direito considerado como um dos mais vastos que têm sido levados a effeito na astronomia moderna.

O numero de estrellas comprehendidas em cada sonda é muito variavel, e essas variações muito irregulares; no entanto pôde-se alli reconhecer uma lei incontestavel de continuidade. Em algumas partes do céu, proximo do polo da via lactea, contam-se apenas 3 ou 4 estrellas, enquanto que em outras pontos o seu numero eleva-se até 588. No espaço de um quarto de hora, Herschel, tendo dirigido o seu reflector para a via lactea, viu passar um numero de estrellas que elle avalio em 116.000.

Disentando estas observações, chega-se a algumas conclusões geraes que nós vamos expor resumidamente:

1.º As estrellas são tanto mais numerosas quanto mais se aproxima da via lactea. O maximum tem logar no plano d'essa nebulosa, o minimum nos seus polos;

2.º Na propria via lactea, a accumulação é maior para os pontos vizinhos da Agnia (18 horas de ascensão direita) que na vizinhança do Touro (6 horas). De um lado, o maximum é 557; do outro, 204. A media geral, para uma sonda, é 122.

3.º Esta densidade diminui muito rapidamente. A 2° da via lactea, ella é ainda muito consideravel; a 15° , é reduzida a 56 estrellas; a 30° , é de 11; a 45° , é de 10; a 60° e 75° , não se acham mais que 6 e 4 estrellas. Na media, os numeros observados na via lactea e nos seus polos são no relatorio de 30 para 1.

4.º Calculando-se, segundo essas sondas, o numero das estrellas visiveis no telescopio de Herschel, acha-se o numero 20.271.031.

Um trabalho semelhante executado no hemispherio sul den resultados idênticos; de sorte que a conclusão pôde estender-se a toda a abobada celeste. A discussão dos outros trabalhos aos quaes foi examinado um grande numero de estrellas, como as zonas de Laland, de Bessel, de Bond, etc., conduziu a conclusões semelhantes que se resumem nesta lei: 1.º As estrellas são mais condensadas perto da via lactea; 2.º As pequenas são alli proporcionalmente mais numerosas. Esta conclusão resulta especialmente dos trabalhos de sir John Herschel que, não contente de ter feito um recenseamento geral, não esqueceu, nas suas observações, das diferentes ordens de grandeza.

Os numeros exprimindo as densidades foram tomados em globo por um methodo de interpolação, e puderam-se obter assim os resultados que vamos expor.

(Continua)

A DUQUEZA EMILIA

POR

ALFREDO DE BREHAT

(Versão livre de Mary)

« Meu futuro marido não oixoxa, dizia ella na sua carta, e por isso mesmo o preferi. Embora me digam o contrario, creio que não nasci para ser amada, ou seja devido ao meu caracter ou ao meu todo; não é, porém, menos certo que existe em mim alguma coisa que repelle; sei que se desposasse um joven viveria em transeos continuos certa de antemão que elle um dia me trahiria.

« Na disposição em que me achava de não me casar, sentia no entanto em mim uma necessidade de affeição que me consumia.

« Recordas-te do duque de Martinella que teu marido me apresentou quando me achava em Napoles junto de ti? pois é esse que vai ser meu marido.

« Veio a Milão ignoto com que pretexto para achar meio de tornar a ver-me. E' um bello velho de sessenta annos mas que não parece ter mais do que cinquenta (aqui entro nós, bellas maneiras e um porte distincto. Parece experimentar por mim sincera affeição que me testemunha com tanto espirito e amabilidade, que não saberei exprimir-te.

« Se lamento não ser joven, dizia-me elle um d'estes dias, é sobre tudo pensando nos poucos annos que me restam a consagrar-vos. O unico meio de indemnizar-me, é amar-vos se é possível duplamente, dedicando-vos todas os meus pensamentos e patenteando-vos toda a felicidade da minha vida que será obra vossa. »

« Tu conhece-me bastante para estares certa que a minha escolha não teve por origem a ambição. Com tudo, para ser franca, confesso-te-lhei que não posso impedir-me de um sentimento de vaidade quando me lembro que serei annuciada como duquesa nos salões aonde encontrarei algumas das nossas companheiras do collegio que tão desdenhosas se mostravam com a filha do humilde couteleiro. Entretanto, Deos é testemunha de que não conservo rancôr contra ellas e com quanto me reprehenda por este movimento de orgulho, não posso dominar-o completamente.

« Posto que na apparencia robusto, o duque tem uma saude muito melindrosa o que dizem ser devido á mocidade tempestuosa que teve. Acreditarás que tive a insensata lembrança de inquietar-me pelo seu passado? Mas reflectindo, entendi descer abafar este louco ciame, jurando a mim mesma não occupar-me mais senão do presente e do futuro.

« Quero consagrar a meu marido todos os meus cuidados, todos os meus pensamentos; occupando-me de tudo quanto possa contribuir para o seu bem estar e felicidade. Quero viver n'elle, partilhando os seus pezaros e as suas alegrias. Ha occasiões em que quasi estou tentada a agrade-

cer-lhe o ser doente por me parecer que assim mais me pertence e mais lhe poder prodigalizar os meus cuidados, e finalmente toda a ternura que trasborda de minha alma.

« Por muito profunda que seja esta affeição, não é amor; eu o sei; mas não posso prometter nem dar um sentimento para o qual o meu coração não foi feito e que nunca deva experimentar.

« Já o contessei ao duque, que me agradeceu a franqueza, acrescentando que, na sua idade é de affeição que sobeatando se carree e que amando-me muito, seu coração aqueceria o meu fazendo n'elle desabrochar a mimosa flor do amor. Se elle dissesse a verdade!... Mas a que loucas idéas me deixo arrastar! Na verdade, estou tão vergonhosa do que te escrevo, que não ouse reler esta receando rasgar-a. Javante que não a mostrará a pessoa alguma, nem mesmo a teu marido, e que a queimará apenas acabes de lê-la.

« Trasbordava-me o coração de maneira tal, que não pude resistir ao desejo de ser expansiva, mas morreria de vergonha se pudesse suppor que outra pessoa que não fosses tu visse uma unica d'estas linhas.

« Enfin, não estarei já só e terei junto de mim um amigo, um protector, a felicidade do qual poderei consagrar os meus dias. Só lhe peço uma coisa, é amar-me, e não amar senão a mim: em troca d'esta affeição, oh! eu te juro que lhe darei de todo o coração o meu sangue e a minha vida!

« Adeos, querida Carlota, pede a Deos que me inspire o meio de tornar meu marido feliz e conservar a sua affeição.

« Tua irmã, Emilia ».

(Continua.)

MINNA E EMILIA

Certo tarde de Novembro de 1877, seguia-nos ao grande trate de nossos hotéis, o meu amigo Jones e eu, uma vereda traçada no meio das campinas do Northamptonshire. O raposo, um senhor Fox muito ligeiro, deixando atraz de si um cheiro dos mais accentuados, tinha transposto uma distancia de vinte e cinco milhas. Este percurso, cortado por obstaculos bastante accidentados, tinha-se operado em linha recta, no seguimento dos cachorros, bons animaes que, sem muitos latidos, não tinham um só instante deixado de seguir a pista. Quando muito apenas ladavam um pouco quando tinham de saltar uma selva e os seus latidos excitavam o ardor dos hunters e das suas cavalgadas.

Por desgraça a noite aproximava-se e o raposo ainda não tinha sido alcançado.

De repente um denso nevoeiro, uma d'estas cerrações que impedem o homem mais audacioso de continuar seu caminho, e menos que não tenha enlouquecido, envolvem-nos

como se fosse um sudário impalpável e nos penetrou até a medulla dos ossos.

— Que fazer? disse-me de repente o amigo Jones que eu não tinha largado, porque só elle conhecia o território sobre o qual se achavam lançados o raposo e os cachorros.

— Por minha fé! que eu não sei: completamente estrangeiro, ignoro se é para a direita ou para a esquerda que se encontra a estrada de Leicester.

— Com a breca! nós estamos bem distantes, respondeu o meu companheiro; mas como a minha intenção não o de deitar-me em pleno campo e forçar-vos a partilhar uma noite glacial abrigado por um carvalho ou um fosso, vou ingenhar a maneira de encontrar de novo o meu caminho.

Jones, assim como disse assim o fez. Graças a elle, alcançamos uma encruzilhada onde havia um poste indicador e ouvi-o que me dizia com voz tranquilisadora:

— Eis o que é um bom indicio. Este caminho conduz á residencia de lady Deseneur, a viuva mais encantadora que tenho conhecido.

Fui-lhe apresentado este verão, em Trouville, e estou convencido de que saí por ali bem acolhido. Aconteceu de vos-lia o mesmo, pois que vos apresentarei. Vamos! um tempo de galope e depressa chegaremos.

Esta proposição sorria-me tanto mais quanto a chuva começava a calir que não me agradava.

Meia hora foi sufficiente para chegar-mos em frente da grade de Deseneur-Abbey, e ao ruído das cascas das nossas cavalgaduras dois grooms appareceram a uma porta—aquella das cavallariças,—enquanto que a sinoeta de chamada tocava para annunciar aos donos da casa a chegada de visitas.

Um criado abriu a porta do hall e, completamente encharcados pela chuva, penetramos na vasta sala d'espera que todas as habitações inglezas têm. E' ali que se deixa geralmente todo o que não deve apparecer no parlor.

Antes de nos apresentarmos a Lady Julia Deseneur, tinha-nos-lhe enviado os nossos cartões.

Incessantemente. A nossa hospedeira, da qual Jones não tinha exagerado a belleza e os encantos, estava na nossa presença no meio de um salão roquetamente mobiliado. Era com effeito a mais encantadora creatura que até então eu tinha tido ensejo de admirar desde a minha chegada á grande ilha inglesa.

Uma fronte ornada de cabellos de um louro cinzento, olhos azues, um talle de nympha, braços cheios, tudo concorria para attahar as vistas sobre lady Julia.

— Sede bemvidos, senhores, disse-nos ella com uma voz harmoniosa. Sir Jones, é uma agradável surpresa aquella que experimento vendo-vos chegar tão inesperadamente a minha casa. Tende a bondade de apresentar-me o vosso amigo...

Eu adiantei-me e inclinando a cabeça, saudei-a.

— Sir Benedicto, disse o meu companheiro de caça.

— Welcome! accrescentou lady Julia que voltando-se para o lado do fogão onde ardia um fogo resplandecente deixou-nos ver uma outra senhora em quem ainda nem o meu amigo nem eu tinha feito reparo.

— Minha prima Minna, observou a dona da casa designando-nos uma pessoa alta da qual os cabellos castanhos, os olhos pretos, os traços distinctos offereciam ainda á observação um quadro das mais seductores.

Sir Jones e eu, explicamos a essas senhoras os accedentes da nossa caçada e aventura, felicitando-nos da feliz occorrença que nos tinha feito pedir hospitalidade em Deseneur-Abbey. Havia quatro dias que as duas senhoras estavam sós: todas as visitas, parentes e amigos, tinham regressado a Londres ou para suas residencias. Era-mos, pois, duplicadamente bem vindos.

— Vós chegastes bem a proposito, gentlemen, disse-nos ella, para adorar a nossa senhora e fazer-nos companhia.

O offerecimento gracioso de nos demorarmos alguns dias em sua casa era feito com tanta bondade que depois de algumas trocas, um olhar, além de nos consular-mos, Jones e eu nos inclinamos em signal de assentimento. Não se olvidou a questão das bagagens abandonadas no hotel do Great Stag de Leicester; mas lady Deseneur nos affirmou que as malas estavam nos nossos quartos, na manhã do dia seguinte.

O jantar foi excellente, a noite muito curta e saímos as dez horas quando os creados nos conduziram aos nossos quartos.

— Juro-vos, disse eu ao amigo Jones logo que nos deixaram sós, que me acho aqui bem e portanto aqui me installo.

— Vós sois livre, carissimo, vós sois solteiro: não tendes que fazer senão uma escolha e pode ser que as nossas attentões sejam acolhidas favoravelmente. Não muito longe d'aqui, ha um presbyterio onde moro um pastor que terá a ventura de fazer dois felizes. Mas a qual das duas fadas, Julia ou Minna, ides offerecer a vossa mão ou pedir a sua?

— Vós graciejas, sir Jones, isso é muito; quanto a mim, sou muito serio. A vida inglesa agrada-me, não veja, pois, porque não procuraria realisar um dos votos mais doces que tenho formado.

— Realisai! carissimo, realisai! mas em quanto se espera vamos deitar. Os sonhos vão procurar-nos... na cama.

Era tempo com effeito de pensar no repouso; nós estavamos moídos, derreados.

Jones tinha razão: as azas de Morphéo, não tardaram em fazer boixar as palpebras dos dois caçadores de raposa, e os sonhos mais agradáveis embalsamaram-nos durante o nosso sono.

No dia seguinte ás oito horas acordamos, como por uma

intuição mútua. Tudo estava prompto para quando nos levantasse-mos, o fogo acceso, o banho de pés preparado, as nossas malas collocadas sobre uma mesa, o calçado engraiado e finalmente o facto escurado.

Tudo isto se tinha feito sem ruido, sem o menor indicio da presença de um creado. Era inacreditavel.

Apenas vestidos, descemos, Jones e eu, ao salão onde nos esperavam as duas castelãs.

Lady Julia fez-nos as honras d'um primeiro almoco, em seguida conduziu-nos a ver a estufa, as cavallariças, a casa dos cachorros e a tapada muito importante e abundantissima em caça.

Os faisões, os cabrito-montezes, as lebres passeavam nas orlas da tapada e pareciam convidar-nos a persegui-los.

Atravez d'uma aberta, apercebia-se o horizonte sobre o qual se destacavam as altas collinas de Leicestershire. A paisagem estava encantadora.

O almoco foi elegante, variado, como dexe ser o todo o alimento sabiamante comprehendido. Em seguida, passou-se ao salão, onde as duas primas occuparam-se com musica para nos encantar ainda mais.

As horas corriam com excessiva rapidez, e quando chegou a noite as encantadoras fadas deixaram-nos para irem proceder á sua toilette da noite; costumes de bom gosto, sem a menor exageração, mas vaporosas e encantadores.

O jantar, o chá, a conversação n'esta segunda noite em Desneur-Abbey foram ainda horas de encantamento, se dependesse de nós, teriamos feito parar a marcha do tempo.

Tinha-se convencionado que no dia seguinte de manhã ir-se-ia correr um veados na floresta vizinha. O projecto foi executado. A caça foi muito feliz, e em tres horas a matilha de lady Julia conduzia o veados ao bom porto. Foi a bella que pediu para fazer fogo ao animal, e, sem manifestar o menor receio, collocou a carabina em pontaria e feriu o generoso animal em pleno peito, sem causar damno algum aos cães que o investiam.

No dia seguinte andamos de carro visitando alguns vizinhos. No dia immediato todas os castelões e castelãs dos arredores vieram retribuir essas civilidades. Assim se passou uma semana.

Uma noite, no oitavo dia, dirigi-me a miss Miana d'Orsay e offereci-lhe o meu coração e a minha mão. Ella dignou-se informar-me que estava para casar com sir Evraud, esquire, rico proprietario no Lincolnshire.

Em quanto que eu via recusado, sir Joaze, do seu lado, confessava á bella viúva Julia que elle não poderia experimentar maior felicidade do que aquella de ver a sua vida ligada á da sua hospedeira.

Lady Julia rindo-se na cara do seu adorador disse-lhe:

— Meu caro senhor, eu não tenho a intenção de tornar-me bigama.

— Pois não sois viúva?

— De modo algum.

— Tinha corrido o boato de que lord Desneur...

— Meu cunhado, com effeito... E' d'elle que os jornaes

fallavam quando morren em Chantilly de uma queda do cavallo.

— E' então... vosso marido?

— Viaja no continente em consequencia de um negocio que o interessa no mais alto grau. Espera-o em Desneur-Abbey antes de oito dias...

No dia que se seguiu áquelle d'esta conversação decisiva, sir Jones e eu despedia-me dos habitantes de Desneur-Abbey, trazendo as melhores recordações de uma semana passada entre as duas bellas Julia e Minna que tinham zombado de nós... sem terem a menor intenção.

B. H. R.

ITINERARIO

DE

UMA VIAGEM

Á CAÇA DOS ELEPHANTES

POR D. E. DAS NEVES

VII

A pezoação do Mogud

Se não fôra ser regulo, ter-lhe-ia dito que a preta era mal empregada n'elle, porque realmente era feio. Não porque tivesse o nariz achatado e as feições grossas. Elle era alto e bem feito; o nariz era aquilino e fino os beiços. Mas tinha os olhos piscos e as orelhas excessivamente grandes e arqueadas, destacando-se para a frente, cujo defeito lhe dava um aspecto d'orelhas de macho. Contentei-me em lhe dizer, que era muito feliz em possuir uma mulher tão bella. Elle manifestou visivel prazer pelo elogio que fiz á preta. Depois d'este episodio, convidou-me a entrar na palhota aonde o rapazinho estendera duas esteiras. Elle e a mulher sentaram-se n'uma e en n'outra. Em seguida mandou o pequeno chamar a mulher grande.

— Vou apresentar-lhe a minha mulher grande, disse elle; e verá que é tão bonita como esta.

Pouco depois entrou a mulher, que se sentou á direita do marido, dirigindo-me um engraçado — *chauane melungo*. — Tinha razão o regulo, era realmente muito formosa a preta. Não obstante ter já dois filhas, a sua frescura estava tão bem conservada, que parecia não os haver tido ainda.

Contava os seus 22 annos. Decorridos tres minutos, appareceram dois pretos, conduzindo uma enorme panela cheia de bejida (1) que pousaram á porta da palhota do lado de fóra, e junto d'ella quatro vasos de pãu proprios para beber o liquido.

Após a chegada da panela, compareceram cerca de 20 familiares do régulo, que se sentaram defronte da porta. O régulo chamou para dentro um d'elles que se chamava *Chicomanihana* (2) a quem tratava por irmão, por ser seu parente muito proximo. Era o seu primeiro chefe de guerra e homem valente. Regulava pela mesma idade do régulo.

Em virtude do convite o chefe de guerra entrou para dentro, sentando-se junto á umbreira da porta, com aquella submissão e respeito, que os pretos tanto guardam ao régulo. Encheu uma vasilha de bejida, que passou ás mãos do régulo. Este depois de tirar a competente prova, offereceu-ma. Eu bebi mais de metade. O chefe encheu successivamente as tres vasilhas, entregando uma ao régulo, outra á mulher grande e a terceira á irmã d'esta. Tanto o régulo como as mulheres repetiram a doze. Pela minha parte contentei-me com a primeira e fiquei sufficientemente satisfeito pois continha quasi um litro de liquido. O chefe e os familiares beberam o resto.

Despedi-me do régulo á noite. O meu jantar estava prompto; pongo comi porque a bejida, tirara-me o appetito inteiramente. Tambem n'essa noite houve grande baile ao qual assisti.

No dia immediato, pela manhã, veio o régulo vender-me uma ponta de marfim, que pesava 85 lib. Comprei a troca de fazendas e missanga.

O preto, a quem havia encarregado d'extrahir os dentes do cavallo-marinho, foi muito diligente na commissão; ás nove horas da manhã apresentava-me os dentes. Os dois dentes lateraes do queixo de baixo, pesavam 13 1/4 lib.; os dois direitos da frente 8 lib.; e os oito restantes 1 1/2 lib. Os dentes maxillares não se aproveitaram.

(1) *Bejida* É uma bebida fermentada, feita de farinha de milho ou de outro qualquer mantimento.

(2) Passados dois annos, tive occasião de tratar com este preto varias questões politicas, que se suscitaram na grande guerra que houve entre os dois filhos do *Manicussa*, *Mozila* e *Mahméé*, a qual durou desde 1861 até 1866. Elle pelejava a favor do *Mozila*. Em mais de 12 combates desbaratou com o corpo do exercito de *Cossa*, as aguerri-das hostes do *Mahméé*.

Parti da povoação do *Magud* ás dez horas e meia da manhã do dia 10. O régulo fez-me a fineza de acompanhar-me até um quarto de legua de distancia.

Pernoitei em uma pequena povoação, no fim das terras de *Cossa*, cujo chefe chamava-se *Matangie*. Cheguei ás seis horas da tarde. Como não havia palhotas sufficientes para toda a comitiva, acampamos debaixo de arvores.

Pantimos d'aqui ás seis e meia da manhã (dia 11). Andamos muito neste dia. Pernoitamos nas terras do *Changano* em uma povoação, da qual o chefe chamava-se *Iárina*. Chegamos ás seis e meia da tarde. Acampamos tambem debaixo de arvores. O mantimento aqui custou muito caro, além de ter sido necessario ir compral-o a outra povoação muito distante, por não o haver para vender naquella em que estavamos. Passava das oito horas quando o trouxeram. Repartio logo pelos pretos, que trataram de o cozinhar com carne de cavallo-marinho, que ainda tinham. Constan o meu jantar de uma gallinha assada ao fogo n'um espeto de pãu, e de umas papas de farinha de mexueira. Como estava muito fatigado dei-me apenas acabei de jantar.

Levantei-me ás quatro horas e meia da manhã, mandando logo pôr agua ao fogo para chui; pois era necessario partir cedo. Saímos ás cinco. Chegamos ás oito e meia a uma pequena povoação que tinha apenas nove palhotas, andando até ali sem descansar. Demoramo-nos algumas horas a fim de fazer a caça, pois tinhamos de atravessar um deserto de dois dias e meio de marcha. Ao cabo de meia hora de descanso, todos os caçadores partiram para a caça.

VIII

Uma boa caçada

Pouco depois da saída dos caçadores appareceu o chefe da povoação. Dirigiu-se a mim dizendo-me — *monxo* basse. Como não sabia o que estas duas palavras significavam supuz, que se fallava ali uma lingua, de que eu não tinha conhecimento. Perguntando ao *Montaniana*, meu vice-lugar-tenente, a significação d'ellas, respondeu-me que o preto comprimentava-me em lingua hollandeza, julgando que era hollandez, pois ali iam caçar, muitas vezes, alguns de *Lydenburg*.

As duas palavras eram uma imitação de *guimorgen*, que em hollandez quer dizer — bons

dias, que elle transtornava, dizendo — *marro*, ajuntando-lhe a palavra *landaz-tasse*, — que significa — claro ou branco.

Findos os cumprimentos, disse-me o chefe que a distancia de um quarto de legua da povoação, andava um bando de gazellas, sendo de suppor que ellas estivessem ainda no mesmo sitio, por serem horas da força do calor. Parti logo com elle e mais dois criados; e realmente lá se achavam ainda as gazellas no mesmo sitio, segundo disse o preto. Estavam á sombra de uma grande arvore.

Esta caça é muito timorata. Em sentindo o mais leve movimento foge logo, e por este motivo, só atirando-lhe de muito longe é que se consegue matá-la.

Aproximei-me d'ellas tanto quanto a prudência aconselhava. Chegado a cerca de 120 metros, parei, e sentei-me no chão. Fiz pontaria a uma, apoiando o braço sobre o joelho e disparei. A gazella deu um pulo e caiu no chão a espedneir. As companheiras fugiram immediatamente. Os pretos correram sobre o animal ferido para o acabarem de matar com as azagaías, mas não foi necessario fazer uso d'ellas, porque já estava morto quando chegaram ao pé d'elle. A bala atravessara-lhe o fígado e partira-lhe uma das espaldas, por onde saía. Regressei immediatamente á povoação, afim de expedir mais dois carregadores para transportar a carne.

No momento em que chegava, entrava o Manóva e o caçador *Macindana*, trazendo cada um, dependurado na arma um rabo de búfalo que haviam morto. Vieram chamar gente para carregar a carne. O caçador *Maxotil* matou uma zebra, e o caçador *Mabana* uma *Tuongonhe*; estes dois ultimos já haviam levado gente.

A' uma hora recolheram todos os caçadores com uma excellente provisão de carne, que trataram logo de assar parte nas fogueiras que accenderam. Comeram todas as tripas dos cinco animais e toda a carne da zebra.

Continuamos a marcha ás tres horas, andando sem descansar até ás sete. Acampamos proximo d'um ribeiro, por onde corria deliciosa agua, indo logo os carregadores procurar lenha para as fogueiras.

Os caçadores bivacaram todos debaixo de uma arvore, que ficava proximo da minha, e os carre-

gadores d'elles noutra em seguida. Os carregadores de fazendas á minha direita, e o meu estado maior á esquerda da minha arvore.

(Continua.)

COMO O GELO DOS ALPES TIRA A SUA ORIGEM DO CALOR DO SOL

Todo o phenomeno da natureza é precedido de certos phenomenos que são as suas causas, e seguidos de outras que são os seus effectos.

O espirito humano não se contenta somente com observar e estudar um phenomeno isolado; mas vai procurar todas as que o têm precedido e as que o devem seguir.

Assim, quando começamos o estudo dos rios e dos montes de gelo o interesse deste estudo se achava grandemente augmentado se encararmos não só suas apparencias actuaes, mas ainda suas causas e seus effectos.

Remontemos á fonte de um rio. Se o tomarmos em sua embocadura como ponto de partida, veremos que elle recebe de tempo a tempo afluentes que engrossam o volume de suas agoas. Naturalmente, o rio torna-se menor á medida que excedemos aos seus afluentes. Tornado a principio ribeiro, não tarda muito a ser um regato que se subdivide em muitos cursos d'agua ainda menores, os quaes acabam por não ser mais do que verdadeiras fios d'agua. Está ahí a fonte do rio, fonte que nasce as mais das vezes em alguma collina.

Assim o Severn toma a sua origem nas montanhas do paiz de Gales; o Tamisa, nos montes Cotswold; o Danubio, nas collinas da floresta Negra; o Reno e o Rhodano, nos Alpes; o Ganges, no Himalaya; o Euphrate, perto do monte Ararat; o Garonna, nos Pyreneus; o Elba, nos montes Gigantes da Bohemia; o Missori, nos montes Rochosos; e o Amazonas, nos Andes do Peru.

Mas é evidente que ainda não temos chegado á verdadeira fonte dos rios. Donde os fios primitivos recebem as suas agoas? Basta viver um pouco nas montanhas para vêr que estes fios são alimentados pelas chuvas.

Nos tempos de secca estes ribeiros diminuem e

às vezes seccam completamente. Nos tempos de chuva transformam-se em torrentes espumosas. Em geral, os pequenos cursos d'água se perdem sob a forma de pequenos fios d'água, no flanco das colinas; mas algumas vezes pôde-se achar uma fonte bem caracterisada. O Albola, na Suíça, por exemplo, apresenta desde a sua origem um volume d'água bem consideravel, que jorra do flanco de uma montanha. Mas conhece-se logo também que estas fontes são alimentadas por chuvas, que filtrando-se através das rochas ou do solo, sahem por algum orificio natural ou feito por ellas mesmas.

Mas nós não podemos nos deter aqui. Bando vem a chuva que forma os regatos das montanhas? A observação nos permite responder a esta questão. A chuva não vem de um céu sereno; vem das nuvens. Mas o que são nuvens? No que nós conhecemos ha alguma coisa que se assemelha a ellas? Podamos sem hesitar comparalas ao vapor condensado de uma locomotiva. Cada vez que a machina expira lança para fora uma verdadeira nuvem. Olhai attentamente o voreis que a nuvem toma nascimento a uma pequena distancia da chaminé. Olhai mais attentamente e voreis algumas vezes um espaço entre a chaminé e a nuvem. Este espaço claro deve ser atravessado pelo que produz a nuvem. Qual é, pois, esta substancia que em um momento é transparente e invisivel, e, em outro, visivel sob a forma de nuvem opaca?

E' o vapor que vem d'agua da caldeira.

Na caldeira este vapor é transparente e invisivel; mas para conservarlo assim invisivel seria necessario um calor igual ao que existe no interior da caldeira. Quando o vapor se confunde com o ar frio que encontra fora da chaminé, deixa de conservar-se no estado de vapor. Cada molecula de vapor se condensa, pelo resfriamento em uma molecula d'agua muito menor. As moleculas liquidas, assim produzidas, formam uma sorte de poeira d'agua de uma tenuidade extrema que flutua no ar e toma o nome de nevo.

Segui com a vista o fumo que sae da chaminé de uma locomotiva em movimento; vel-o-heis tornar-se progressivamente menos denso. Acaba por desfazer-se completamente; e, se repetirdes

estas observações, não deixareis de reconhecer que a rapidez de seu desaparecimento depende do estado da atmosphera. Em um tempo humido a nuvem, fica por muito tempo visivel; em um tempo secco, é immediatamente absorvida. O que tornou-se então? é de novo transformado em verdadeiro vapor, em vapor invisivel.

Quanto mais o ar é secco e quente, tanto mais depressa pôde a nuvem se dissolver. No momento em que a nuvem forma-se, é muito abundante para que o ar a possa manter no estado invisivel. Mas, à medida que a nuvem se confunde com uma massa de ar mais consideravel, se dissolve de mais a mais e acaba por passar do estado liquido, completamente dividido, ao de vapor transparente ou de gaz.

Fechai hermeticamente uma chaleira com a tampa e deixai sahir o vapor pelo bico: formar-se-ha uma nuvem em tudo semelhante à que sae da chaminé da locomotiva.

Fazei passar este vapor pela chamma de uma lampada com alcool, à proporção que sae da chaleira; a nuvem se dissolve immediatamente no ar quente e não se condensa mais.

Com uma chaleira e um bico feitos de proposito, pôde-se tornar esta experiencia mais saliente, porém não mais instructiva do que com uma chaleira ordinaria.

Notai as janellas do vosso quarto, quando a temperatura exterior é muito baixa: ellas apresentam algumas vezes agoa, que provem da condensação do vapor aquoso dos pulmões. Os tectos de nossos wagons de caminho de ferro, no inverno, mostram esta condensação de uma maneira mui clara. Derramai agoa fria em um copo secco, num dia de estio; a superficie exterior é immediatamente occupada pela humidade que ali se condensa. Em um tempo quente não vedes vapor sahir de vossa bocca; mas, se faz frio, sae uma pequena nuvem que é devida à condensação do vapor d'agua fornecido pelos pulmões.

Em uma sala de baile, enquanto a porta e as janellas estão fechadas e a camara é quente, o ar torna-se transparente; mas desde que se abram as portas e as janellas, vê-se o ar se obscurecer um pouco pela perturbação que é produzida pela condensação do vapor d'agua na sala do baile. Se o frio exterior é intenso, a entrada do ar pôde mesmo determinar a produção da neve. Obser-

ra-se este phenomeno nas salas de baile na Russia, assim como nas estribarias subterraneas de Erzeroum, quando a abertura das portas permite ao ar feio da manha penetrar no interior.

Mesmo no tempo o mais secco nossa atmosphera contem sempre um pouco de vapor. Pode sempre transformar em gelo branco o vapor que se acha no ar de uma camara; basta para isto encher um vaso de uma mistura de gelo pilado e de sal; esta mistura, que é mais fria que o gelo, condensa o vapor da agua e o faz congelar-se. A superficie do vaso acaba por se revestir de uma camada de neve bastante espessa para que se possa tirar e fazer della uma bola.

Para produzir-se a nuvem que sae de uma locomotiva ou de uma chaleira, é preciso calar. Aquecendo-se a agua, a transformamos a principio em vapor, depois o resfriamento deste vapor o torna em nuvem. Existe na natureza um fogo que possa produzir as nuvens da nossa atmosphera? Sim, por certo, e este fogo é o sol.

Assim como subimos por um rio desde a sua embocadura até á sua origem verdadeira, uma serie não interrompida de phenomenos nos conduz até ao sol.

Entretanto ha rios cujas nascentes differem das de que acabamos de falar. Fios d'agua não saem mais dos flancos de uma collina; não se póe, portanto, subir por elles até a sua nascente. Fallae, por exemplo, da embocadura do Rodano, e percorrei este rio até Lião, que é o ponto em que elle volta-se para leste. Passareis então por Chambery, para chegar enfim ao lago de Genova, donde o rio sae. Poderíeis, pois, muito naturalmente, tomar este logo como a nascente do Rodano. Mas não vos detenhais ahi: procurai a extremidade opposta do lago, e ahi encontrareis o Rodano em sua entrada, de sorte que o lago não é, em realidade, senão a expansão do rio. Subi sempre; vereis que elle recebe cursos d'agua menos importantes, sahidos das montanhas que demoram á sua direita e á sua esquerda. Continuai, e acabareis por chegar a uma enorme massa de gelo — é a extremidade de um monte de gelo — que enche o valle do Rodano; e é da base deste monte de gelo que sae o rio. E' por conseguinte o monte de gelo do Rodano que dá nascimento ao rio.

Mas ainda não chegamos á origem verdadeira do rio. Reconhece-se logo que estas primeiras agoas do Rodano provêm da fonte do gelo. Suba-se pelo monte de gelo e dirija-se para a sua parte superior. No fim de um certo tempo o gelo desaparece e se acha substituido pela neve. Um homem habituado nas montanhas póe subir até o cume desta grande planicie de neve; e, se transpor o cume e descer pelo outro lado, verá ainda desaparecer a neve e chegará a um outro monte de gelo chamado Triff, de baixo do qual sae um rio menor que o Rodano.

Deprehende-se logo que a neve das montanhas alimenta o monte de gelo; de uma maneira ou de outra, a neve se transforma em gelo. Mas d'onde vem a neve? Como a chuva, ella vem das nuvens, e estas, já o vimos, provêm do vapor que é produzido pelo sol. Sem o fogo do sol não poderíamos ter vapor d'agua na atmosphera; sem vapor, nuvens; sem nuvens, neve; sem neve, montes de gelo. Assim, cousa curiosa de se dizer, o gelo dos Alpes tira a sua origem do calor do sol.

A FE'

Planeando em mil preces mil assedios
A todas as potencias do infinito,
Elle estava a rezar todo contricto
No altar da Senhora dos Remedios.

Apossou-se de mim a compunção
Ao vel-o assim orar com tanta fé,
E já do santo homem quasi ao pé
Eu dispuz-me a fazer uma oração.

Mas n'isto dos seus labios murmurantes:
Ouvi-lhe estas palavras supplicantes:
— «O' Virgem dos Remedios que acrisollas

Em nossas almas más a crença incerta,
Fazei que o sacristão me deixe aberta
A vossa benta caixa das esmollas.

C. MORAES

A MINHA DOR

Silencio, é minha dor! que alguém te não aviste

As lagrimas fataes;

A' noite iremos, sós, colher um riso triste

A' diversão dos mais.

Como ao prazer, ha pouco, eu dar-te-ei o braço

E iremos como os bons

Ao circo hoje assistir a estada d'um palhaço

E não sei quantos choros.

E como impertinas muito, ou viva, ou morta, ou salva,

Aos pesames gentis;

Irás vestida à moda, a pasta à Mariaiva

E a boutonniere um liz.

Que tu és sempre má!... Lacrimas eternamente

Uns pobres corações

E pensas mais, é dor! que vão chorar-te a gente

A rir dos histriões...

Depois, ao Restaurant! a comu é nova e fera

Eu não te sagro amor,

Lá poderás lançar o pomo de Cythra...

Eu te conhaço, dor!

Esperam-nos, talvez, as se heranças do vicio,

Os tremedais do ambal... □ :

Eu sei, tu podes muito a vil; entao o bulicio

Aos gritos do cristial.

Embora um ideal completo em ti não sonhe,

O dor! tu podes vir;

Em frente a uns seios nus e muscadas Bourgogne

Eu saberei sorrir.

Tu não és mais a vil que conduzia a morte

Os cerebros trazes

Eis um acinte ao tom e como a moda o certo

Eu mudo-te, bém vos! ...

Fontoura Xavier.

REVISTA COMMERCIAL

PRIMEIRA QUINZENA DO MEZ DE FEVEREIRO DE 1889

CAMBIO:

O mercado fecho firme, mas com poucas transações sobre Londres e ainda menas sobre Paris.

As taxas estabelecidas, foram as seguintes:

Sobre Londres	23 1/8 d.... a 90 d/v
» Paris	411 par fr.... »
» Hamburgo	510 m.... »
» Portugal	232 ... a 3 d/v

O movimento da Bolsa fecho menos que regular e mais firmes as applicas geras de 6 %.

METAS :

	De venda	De compra	Negociado
Maximo.....	10\$900	10\$840	10\$850
Minimo.....	10\$740	10\$680	10\$740

FUNDOS PUBLICOS:

De 6 %	Maximo. 1:010\$	1:007\$	1:010\$
	Minimo. 1:004\$	1:002\$	1:002\$
Ditas mudas....	—	—	par
Provincias..	92 %	90 %	90 %
Emprestimo Nacio-)	Maximo. 1:145\$	1:125\$	—
nal de 1868.)	Minimo. 1:120\$	1:120\$	—
Emprestimo Na-)	Maxima. 95 %	93 %	94 1/2 %
cional de 1879)	Minimo. 94 1/2 %	92 1/2 %	—

LETRAS HYPOTHEGARIAS

Do Banco do Brasil:

(2 c.)	Preço maximo	89 %	—	—
(3 c.)	»	82 %	81 1/2 %	82 %
(4 c.)	»	76 1/2 %	75 %	76 %

ACÇÕES DE BANCOS E COMPANHIAS

Bancos:

Brasil	Preço minimo	265\$000	258\$000	260\$000
Commercial	»	207\$000	—	—
Commercio	»	184\$000	180\$000	180\$000
Industrial	»	208\$000	207\$000	208\$000
Mercantil de	»	204\$000	200\$000	—
Santos	»	128\$000	—	130\$000
Pradial	»	235\$000	230\$000	235\$000
Rafael	»	235\$000	230\$000	235\$000

Companhias d'estado de ferro:

Leopoldina	Preço minimo	—	260\$000	—
» Deb.	»	203\$000	200\$000	203\$000
Macaé e	»	605\$000	508\$000	608\$000
Campos Deb.	»	180\$000	—	—
Petropolis	»	180\$000	—	—
S. Paulo e Rio	»	180\$000	—	—
» Deb.	»	—	135\$000	—
Sorocabana	»	—	508\$000	—
« (100\$000) »	»	64 %	55 %	6 %

Companhias de bonds:

S. Christovam	Preço minimo	300\$000	—	—
Urbanos (carris)	»	204\$000	203\$000	200\$000
Villa Isabel	»	195\$000	—	—

GENEROS

Café: As vendas da quinzena decorrida desde a nossa ultima resenha de 3 do corrente, não passaram de 199,645 saccas.

A maior parte destas compras é destinada aos mercados Europeus, como se vê do resumo appenso.

O mercado fecha firme, e com as cotações abaixo designadas.

As entradas desde a nossa ultima revista dão um termo médio de 5.000 saccas.

As entradas regularam-se:

Durante a quinzena 72.000 saccas
Em igual periodo de 1879 141.000 »

Despacharam-se durante a quinzena 53.928 saccas no valor de rs. 1.703.845\$320.

A existencia actual em todas as mãos é orçada em 227.000 saccas.

Vendas de café de 3 a 17 de Fevereiro de 1880.

O café embarcado teve os seguintes destinos:

Canal, Norte e Mediterraneo	saccas	110.499
Cabo Verde	»	6.597
E. Unidos	»	76.408
Dif. portos	»	6.381
	Saccas	199.645

COTAÇÕES

Qualidades	Por arroba	Por kilo
Lavado	Nominal	
Fino e superior	8\$800 a 9\$200	599 a 626
1ª Bã	8\$400 a 8\$500	571 a 578
Primeira	7\$800 a 8\$000	531 a 544
Regular	7\$200 a 7\$600	497 a 517
2ª Bã	6\$600 a 7\$000	449 a 476
2ª Ordinaria	5\$800 a 6\$100	394 a 415

Assucar: Seguem as transacções com o genero de Pernambuco nas mesmas circunstancias da nossa ultima revista, porque só em pequenas parcelas vai-se cotando e ainda ha deposito dos Engenhos Centraes.

Com os brancos de Macaio ainda não podemos annunciar venda alguma de maior.

Está se retachando a brancos de Aracaju. Os mascavinhos de Campos e mascavos, vão tendo salida regular e seus preços são sustentados.

Cotamos:

Pernambuco, 2ª. sorte	330 a 333
» 3ª. »	305 a 320
» 4ª. »	265 a 270
» Sementes	não ha
» Mascavo	idem
Macaio, branco	280 a 300
» mascavo	Nominal
Aracaju, branco	240 a 250
» mascavo	170 a 177
Campos, engenhos centraes	285 a 300
» Mascavinho	224 a 250
» Mascavo	175 a 210

Fumo: O movimento deste mercado durante a quinzena, foi regular, fechando com tendencia para alta nos superiores do sul de Minas e Rio Novo. As entradas tem diminuido sensivelmente.

Os mercados consumidores do Norte e Sul do Imperio, continuam bastante suppridos e apathicos. Os embarques com destino ao Rio da Prata, tem sido regulares, enquanto os respectivos mercados se achem suppridos, mas com probabilidades de movimento regular para a campanha.

O mercado fecha pouco supprido ás seguintes cotações:

Goyano	por kilo	1.300 a 1.500
Rio-Novo	»	1.100 a 1.700
Pomba	»	800 a 1.000
Corumbá	»	500 a 700

Toucinho de Minas: O mercado acha-se abundante em generos regular e com falta do superior, fechando com tendencia para alta para aquella ultima qualidade.

As entradas tem-se mantido regulares; fechando o mercado com tendencia para alta com respeito ao superior e com supprimento regular.

Cotamos:

Superior	600 a 680 por kilo
Regular	560 a 560 » »
Ordinario	320 a 400 » »

Queijos de Minas: O mercado acha-se regularmente supprido, havendo falta do superior.

Cotamos:

Superior	600 a 1.200
Regular	400 a 600

Carne verde: Não tendo recebido cartas do nosso correspondente, deixamos de mencionar a quantidade de gado passado em Barra-Mansa.

A praca em Maxaumbia teude a terminar com a nova praca de Realengo. Naquelle apenas se venderam ultimamente sete boisadas.

O preço na praca, em Realengo, regulan, por arr., de 5\$000 a 6\$000, e no matadouro, de 240 a 380 por kilo.

RESUMO FISCAL

De 1 a 15 de Fevereiro

Procedencias	Importancia
Alfandega	1.381.590\$713
Recebedoria	329.831\$158
Mesa Provincial	39.493\$174

Total Rs. 1.750.915\$045